

# 246 Quadro difícil espera pelo presidente

*Depois de nove dias na Europa, FH terá de enfrentar velhos problemas, como o do Banespa, mas em temperatura política mais elevada do que quando partiu*

**RICARDO AMARAL**

**B**RASÍLIA — De volta ao País após nove dias na Europa, o presidente Fernando Henrique Cardoso encontra o governo mergulhado nos mesmos problemas econômicos que havia deixado para trás, mas numa temperatura política vários graus mais elevada. O assunto mais agudo na agenda, que vai merecer uma intervenção direta do presidente, é o Banespa, que opõe o governador Mário Covas e a bancada paulista ao Banco Central e ao ministro Pedro Malan. Mas há o problema dos juros, que pode fraturar de vez a equipe econômica, além das difíceis negociações no Congresso sobre a dívida do Estado e a prorrogação do Fundo Social de Emergência (FSE).

O caso Banespa tomou contornos dramáticos desde que começaram a circular rumores de que o governador Mário Covas poderia transferir as contas do governo de São Paulo para a Nossa Caixa, o que deixaria os interventores do BC administrando apenas as dívidas e os prédios do Banespa. A eventual ameaça foi interpretada ao pé da letra. O problema do presidente agora é devolver o Banespa ao governo paulista sem destruir a autoridade monetária.

“O caso merece uma intervenção pessoal e política do presidente”, opinou ontem o senador Pedro Piva (PSDB-SP). “O problema do Banespa deve ser visto como parte da questão da dívida dos Estados e municípios.” A dívida será o pano de fundo da reunião dos 27 governadores com o presidente Fernando Henrique, marcada para segunda-feira.

Os governadores já se articulam, a

partir do Senado, para encostar a faca no peito de Brasília. Se dependesse apenas da equipe econômica, segundo um de seus assessores, o assunto seria tratado caso a caso, pois os estoques, o perfil e o histórico das dívidas estaduais são diferentes. Como no Senado todos os Estados são iguais, cada um com três votos, cria-se uma instância de barganha.

Outubro marca o acerto de contas do ministro José Serra com a direção do BC, até aqui escudada pelo ministro Pedro Malan. É o mais grave duelo no governo, pois se trava no campo do Plano Real. Serra, com apoio da maioria do Congresso e de setores empresariais, defende uma redução das taxas, apontando o perigo da recessão e os reflexos na dívida pública. O BC defende sua política, argumentando que afrouxar os controles colocaria em risco o Plano Real.

**JUROS  
PODEM  
FRATURAR  
EQUIPE**

Edivaldo Ferreira/AE



*Com o presidente Roman Herzog: sucesso lá fora e desgaste em casa*